

ISSN 2236-0476

SUSTENTABILIDADE EM MANGUEZAIS NA AMAZÔNIA

¹Karen Larrayssa da Cruz Teles e ²Sérgio Cardoso de Moraes
Universidade Federal do Pará, Belém, Pará

¹kmeia6@hotmail.com

²scmoraes@ufpa.br

Introdução

O tema recorrente da sustentabilidade na busca de soluções para problemas sócio ambientais permite discutir e repensar a relação entre seres humanos e o meio ambiente. Neste perspectiva encontramos o litoral brasileiro com a maior área de ecossistema de manguezal do mundo, possuindo cerca de 25.000 km que se estende desde o Amapá até Santa Catarina de Norte a Sul do Brasil, sendo que a maior concentração está nos estados do Amapá, Pará e Maranhão. (UICN, 1993).

O ecossistema de manguezal designa um ecossistema formado por uma associação muito especial de animais e plantas que vivem na faixa entremarés das costas tropicais baixas, ao longo de estuários, deltas, águas salobras interiores, lagoas e lagoas. Nesta área de terra costeira, sujeita a marés, inundada perenemente por uma mistura de água doce e água salgada, ou seja, na região estuarina, proliferam fauna e flora características dos habitats palustres (SOARES, 2005).

Neste sentido temos como palco de investigação o município de São Caetano de Odivelas no Estado do Pará, situado em sua maior parte em área de manguezal, segundo a legislação brasileira esta área é considerada Área de Preservação Permanente (APP), em que possui vários meios de proteção através de leis federais, estaduais e municipais. Além do acervo do ecossistema de manguezal.

Damos destaque aos saberes e práticas das populações pesqueiras extrativistas que podem influenciar na conservação do ecossistema do manguezal local, a partir dos modos de captura do caranguejo-Uçá (*Ucides cordatus* L), conhecido popularmente como “caranguejo-Uçá, representa um dos mais importantes componentes da fauna dos manguezais brasileiros. Vive unicamente nos manguezais e pode ser encontrado ao longo da costa brasileira, de Santa Catarina ao estado do Amapá. Constitui a fauna semi-terrestre, pois passa parte da vida (fase larval dentro d’água). Vivem em longas galerias, sempre retas e relativamente rasas construídas entre raízes das árvores de mangue e às vezes ocupando galerias de outras espécies. Segundo Castro (1986) alimentam-se principalmente de folhas da flora do manguezal que caem no substrato.

A investigação pautou-se pela identificação da população que trabalha diretamente no ecossistema manguezal, conhecendo os saberes, as práticas e os modos de uso deste ecossistema, fazendo relação com as questões de conservação e conseqüente socialização de discussões preliminares sobre gestão ambiental, para possíveis ações que reduzam os impactos negativos nos recursos naturais da área de manguezal local, visando sua utilização sustentável.

ISSN 2236-0476

Nessa investida buscamos analisar os saberes e práticas das população pesqueira extrativista de São Caetano de Odivelas, em relação às questões de conservação e sensibilização ecológica da área de manguezal local, visando sua utilização sustentável a partir dos modos de uso do ecossistema.

Material e Métodos

Esta pesquisa foi realizada em 3 (três) etapas, denominadas: 1ª. Fundamentação teórica, 2ª. Observação dos modos de extrativismo dos recursos naturais e 3ª. Sistematização dos conhecimentos locais para o fomento do uso sustentável em área de manguezal.

A primeira etapa iniciou com levantamento bibliográfico a partir de material já publicado sobre a essência deste trabalho levando em consideração os objetivos geral e específicos baseados nas práticas de conservação, preservação, impactos ambientais na zona costeira, problemática socioambiental e modos de vida das populações locais.

A partir deste enfoque, fez-se necessário a segunda etapa denominada observação dos modos de extrativismo dos recursos naturais. Baseada nos objetivos específicos, esta etapa teve como foco principal a observação dos modos de vida, dos saberes e das práticas tradicionais utilizadas por estes pescadores extrativistas do manguezal, através de visitas à comunidade.

As visitas de campo nesta etapa foram feitas a partir do acompanhando dos pescadores extrativistas até o manguezal, observando os horários de atividade, todas as maneiras de utilização do ecossistema e os modos de vida da população em questão, coletando de diversas maneiras toda informação possível para posteriormente analisá-las.

Esta etapa foi de extrema necessidade para que a terceira etapa pudesse ser viabilizada, pois acreditava-se que primeiramente fosse necessário conhecer a população local a ser pesquisada, buscando certo grau de confiança para chegar à sistematização da pesquisa, que é o objetivo da 3ª etapa.

A 3ª etapa é denominada “Sistematização dos conhecimentos locais para o fomento do uso sustentável em área de manguezal”. Partindo do bioma zona costeira onde o manguezal em estudo está localizado, busca-se propor alternativas para a comunidade.

Resultados e Discussão

A pesquisa indica técnicas diferenciadas na captura de caranguejos, identificamos as seguintes técnicas:

Técnica do Laço: Nesta técnica é utilizado um pedaço de madeira atada por um fio de náilon medindo aproximadamente trinta centímetros. A madeira utilizada para a confecção do laço é retirada do manguezal. Mede aproximadamente trinta centímetros de comprimento e, aproximadamente, quatro centímetros de circunferência, o fio de náilon tem o mesmo comprimento da madeira. O extrativista amarra a ponta do fio no meio da madeira e dá um nó na outra ponta, logo, envolve o nó da ponta no meio do fio, fazendo uma circunferência de aproximadamente vinte e quatro centímetros, esta circunferência tem o mesmo tamanho da

ISSN 2236-0476

entrada da galeria (toca) do caranguejo. O laço é confeccionado pelos pescadores extrativistas em suas residências. Geralmente essa confecção é feita pelas mulheres.

Técnica da tapagem: é chamada dessa maneira, porque no momento em que o pescador extrativista chega ao manguezal procura identificar a toca do caranguejo e logo em seguida tapa, fechando a saída do crustáceo. Esta técnica exige do extrativista bastante esforço físico, sendo mais realizada por homens com idade que varia de 18 a 45 anos de idade. Porém, na época de chuva em que a técnica do laço fica difícil de ser exercida, a técnica da tapagem é muito utilizada, tanto pelo sexo masculino quanto pelo feminino, mas a produção cai bastante, pelas condições físicas do ecossistema. Nesta prática são utilizados instrumentos para a proteção dos pés, o “sapato”, um tipo de bota que calça dos pés até os joelhos feito de tecido

de algodão. Isto serve como proteção para os pés pois a tapagem consiste em movimentos repetitivos de “jogar” sedimento com os pés para fechar a saída das galerias do caranguejo.

Técnica do soco: Esta técnica é mais praticada nos períodos chuvosos, pois necessita de um sedimento mais “macio” para uma captura de sucesso. É usada a “braceira”, tipo de luva colocada em uma das mãos em que estende-se até o ombro, também para complementar este apetrecho nesta técnica, utiliza-se a “munhequeira” que é uma luva que protege apenas as mãos que vai dos dedos até o pulso. Os extrativistas também utilizam as “dedeiras”, tipo de proteção para os dedos. Os pescadores não dispensam os instrumentos de proteção para a prática do extrativismo pois reconhecem que a técnica do soco é uma das mais difíceis de ser praticada, pois é comum acontecer acidentes com cortes feitos pelo caranguejo-Uçá.

Identificamos na pesquisa de campo a importância do trabalho feminino na extração de caranguejo. Estudos realizados na região do nordeste do estado do Pará, de Motta-Maués (1999), Cardoso (2000) e Maneschy (2003) ressaltam a invisibilidade do trabalho das mulheres na pesca. Apesar de não ser objetivo específico desta pesquisa, é importante ressaltar o número significativo e a visibilidade das mulheres na captura do caranguejo-Uçá.

Enquanto Cardoso (2000) resalta que em Guarajubal as mulheres trabalham na coleta de moluscos e crustáceos, e que esta atividade é pouco valorizada pelos pescadores locais que pescam em alto mar, por acreditarem que trabalho que vale é aquele feito em alto mar. Em São Caetano as mulheres que trabalham na coleta do crustáceo (caranguejo-uçá), são consideradas mulheres do “sexo forte”, pois participam com uma parcela considerável para a economia familiar.

Segundo Maneschy (2005), em pesquisa de campo no município de São Caetano de Odivelas em 1990, verificou centenas de catadores de caranguejo moradores da sede do município, atuando nesta atividade extrativista. Já os das comunidades próximas, mesclavam

No período do defeso do caranguejo-uçá, os pescadores extrativistas diversificaram as atividades para sobreviver, já que neste período são proibidos pela legislação de exercerem a atividade extrativista. Neste período, considerado pelos extrativistas um período de muita dificuldade, alguns exercem a atividade da caça, outros da pesca em rios próximos as suas residências.

ISSN 2236-0476

Conclusões

Considerando a dinâmica das relações entre os seres humanos e suas interações com os ecossistemas de manguezal, uma nova ordem deve ser estabelecida em relação ao planejamento de uso e de ocupação dessas regiões.

Levando em consideração, a perspectiva das mudanças climáticas globais que ocasionam em transformações ambientais em todas as suas esferas física, biológica, social e econômica tanto em níveis regional como global. O grande impasse é: Como organizar o planejamento das populações que vivem diretamente da extração dos recursos naturais? Sabendo que grande parte da população brasileira vive numa distância entre 60 e 100 km do Oceano Atlântico. No município de São Caetano de Odivelas não é diferente, isto significa que o rio estuarino Mojuim, que recorta o município, tem influência direta na zona costeira, e a população local, extrai os recursos naturais diretamente na costa local abrangendo o ecossistema de manguezal como um todo. Entendemos que as direções a serem tomadas levam aos Planos Nacionais de ordenamento territorial, ecológico, econômico como um instrumento de ajuste do processo de ordenamento territorial fomentando as condições de sustentabilidade ambiental pautado no desenvolvimento da Zona Costeira, com base no Zoneamento Ecológico-Econômico do território nacional, se bem aplicado.

O zoneamento costeiro iniciou no município de São Caetano de Odivelas em agosto de 2010, junto a Colônia de Pescadores local tendo como atores os filiados à colônia, ou seja, pescadores da categoria artesanal e pescadores extrativistas do manguezal. Os pescadores extrativistas tiveram grande participação no levantamento de dados para o zoneamento costeiro, explanando seus saberes, suas práticas e todos seus conhecimentos tradicionais. O que esses pescadores extrativistas do manguezal esperam desse zoneamento, são estratégias de melhoria da qualidade de vida. O conhecimento empírico da população local pode ajudar no desenvolvimento das regiões de manguezal e provocar discussões sobre o desenvolvimento sustentável dos ecossistemas costeiros, planejamento estratégico, em que a população local deve realmente estar inserida.

Os pescadores extrativistas encontram muitas dificuldades, pela falta de incentivo das autoridades do município em proporcionar-lhes uma estrutura e orientação para o controle do uso do ecossistema de manguezal. Esses extrativistas esperam que a colônia de pescadores local, na qual são filiados, ajudem no desenvolvimento da comunidade, pois pagando a colônia mensalmente eles acreditam que quando precisarem de algum benefício, irão ter por essa organização social.

É inquestionável a esperança que eles têm em receber o seguro defeso, sempre associado à melhoria da qualidade de vida. Tudo o que a colônia solicita sobre cadastramento eles prontamente colaboram, na esperança de mudança e benefícios sociais. No entanto, a colônia espera mais atitude e presença da categoria nas reuniões, pois os extrativistas do manguezal ainda são a minoria, comparados aos pescadores artesanais.

Dado ao dinamismo das relações sociais das populações do manguezal, com o meio ambiente e suas entidades representativas, ainda há muito a ser estudado. Indicadores construídos a partir de trabalhos realizados nessas comunidades, levam a crer que a crescente

ISSN 2236-0476

necessidade de conservação do ecossistema em que estão instalados, possibilita uma linha de diálogo em busca de uma gestão sustentável, a partir da implementação de políticas voltadas para a gestão de recursos naturais com sustentabilidade e respeito ao saber local.

Agradecimentos

Ao CNPq pelo apoio a pesquisa.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Denise. **Mulheres catadoras: uma abordagem antropológica sobre a produção de massa de caranguejo - Guarajuba/Pará**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Pará: Belém: UFPA,1992.47p.

CASTRO, A.C.L. **Aspectos Bioecológicos do caranguejo-uçá, Ucides cordatus (Crustácea, Decápod, Brachyura) no estuário do Rio dos Cachorros e Estreito dos Coqueiros, São Luís-MA**. Bol. Lab. Hidrobiol., São Luís, 1986.

MANESCHY, M. C.. **A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no 93 litoral do Pará**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia. Belém, 1995.

_____. **Sócio-Economia: Trabalhadores e Trabalhadoras nos Manguezais**. In: FERNANDES, M. E. B. (Org.); **Os Manguezais da Costa Norte Brasileira**. Maranhão: Fundação Rio Bacanga. p.135-165, 2003.

SOARES. J.L.. **Dicionário Etimológico e Circunstanciado de Biologia**. 1ª edição, 5ª impressão. São Paulo. Editora Scipione, 2005.

UICN. **Global status of mangrove ecosystems**. Gland, 1993.